

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUANA SILVA PEREIRA MUNIZ

**RELACIONAMENTO AMOROSO ABUSIVO: No contexto e na ótica da mulher
enquanto vítima**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

LUANA SILVA PEREIRA MUNIZ

**RELACIONAMENTO AMOROSO ABUSIVO: No contexto e na ótica da mulher
enquanto vítima**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

LUANA SILVA PEREIRA MUNIZ

**RELACIONAMENTO AMOROSO ABUSIVO: No contexto e na ótica da mulher
enquanto vítima**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso de LUANA SILVA PEREIRA MUNIZ.

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Junior

Data da Apresentação: 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Junior

Membro: Profa. Me. Larissa Maria Linard Ramalho/UNILEÃO

Membro: Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

RELACIONAMENTO AMOROSO ABUSIVO: no contexto e a ótica da mulher enquanto vítima

Luana Silva Pereira Muniz¹
Joel Lima Junior²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo primário discutir acerca dos impactos biopsicossociais na vida da mulher que vivência um relacionamento abusivo, caracterizando-se uma revisão de literatura, de caráter descritivo, em uma abordagem qualitativa. É evidente que atualmente muitas mulheres ainda são submetidas à violência em decorrência do machismo, onde é presente o medo da impunidade masculina, por isso muitas vezes a vítima não quer fazer denúncias. Os fatores existentes que colaboram para a manutenção de um relacionamento abusivo são múltiplos, como o machismo, que ainda se faz presente na sociedade, e alguns aspectos culturais, que implicam idealizações a cada gênero, entretanto, nota-se um julgamento da sociedade em volta da vítima que sofre violência. A vivência de um relacionamento abusivo traz prejuízos biopsicossociais para a mulher, podendo acarretar adoecimentos somáticos e psicológicos. Dado essa realidade, a Psicologia pode fazer uma atuação importante, tanto na construção de redes de apoio, como na contribuição desse debate na sociedade que é de extrema necessidade.

Palavras-chave: Relacionamento abusivo; Sofrimento psíquico; Machismo; Psicologia.

ABSTRACT

The primary objective of this work is to discuss the biopsychosocial impacts of an abusive relationship in the life of women. It configure a literature review, of descriptive character, with a qualitative approach. It is evident that today many women are still subjected to violence as a result of sexism, where the fear of male impunity is present, and that is why victims often do not file complaints. The factors that contribute to the maintenance of an abusive relationship are multiple, such as sexism, which is still present in society, and some cultural aspects, which idealize roles for each gender, however, the judgment of society often falls upon the victim who suffers violence. The experience of an abusive relationship brings biopsychosocial damage to the woman involved, which can lead to somatic and psychological illnesses. Given this reality, Psychology can play an important role, both in building support networks and in contributing to this debate in society, which is of extreme need.

Keywords: Abusive Relationship; Pshyctic Suffering; Sexism; Psycholog.

¹Discente do curso de psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Email: luanaspmuniz@hotmail.com

²Docente do curso de psicologia no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Email: joellima@leaosampaio.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa explorar o relacionamento amoroso abusivo, adentrando nas questões que levam a mulher a se deparar com essa situação, na qual ela acaba desconsiderando muitas vezes a própria saúde mental e física. Busca, do mesmo modo, identificar a partir de quando a vítima se percebe dependente. Delineando, por fim, os tipos de violências cometidas, que geralmente vão se intensificando.

Estatísticas indicam que o Brasil é o quinto país em mortes violentas de mulheres, sendo que esses assassinatos cresceram 30 % (trinta por cento) em 10 (dez) anos, tendo uma média de 13 (treze) mortes por dia (TRINDADE, 2019). Ainda é muito presente abusos e a violências contra a mulher nos relacionamentos amorosos na nossa sociedade, a angústia, o medo, a insegurança se fazem presentes até mesmo na hora de buscar seus direitos e proteção.

A violência doméstica é um fenômeno que não distingue classe social, raça, etnia, religião, orientação sexual, idade ou grau de escolaridade. Todos os dias, somos impactados por notícias de mulheres que foram assassinadas por seus companheiros ou ex-parceiros. Na maioria desses casos, elas já vinham sofrendo diversos tipos de violência há algum tempo, mas a situação só chega ao conhecimento de outras pessoas quando as agressões crescem a ponto de culminar no feminicídio. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018 apud DE OLIVEIRA 2020, p. 101).

O interesse pelo presente estudo surgiu inicialmente, quando a autora cursou a disciplina Psicologia da Família. Por outro lado, é de grande relevância abordar esse tema, pois ele tem grande importância tanto para a sociedade, quanto para campo acadêmico, tendo em vista que, é ainda evidente a alta taxa de casos de relacionamento abusivo nos dias de hoje, que abordam várias camadas, desde a pressão psicológica, emocional a agressões físicas e sexuais. Adentrando no âmbito da Psicologia mostra-se a necessidade de ir construindo uma clara percepção que o cuidado físico e psíquico deve ser priorizado para que o autocuidado esteja sempre presente, onde essa discussão ajudará a desconstruir estereótipos sociais que insistem em colocar a mulher como objeto, a serviço e prontidão do homem, assim ajudando as mulheres que vivenciam relacionamentos tóxicos.

O objetivo central do trabalho é discutir acerca dos impactos biopsicossociais na vida da mulher que vivencia um relacionamento abusivo, alinhado com os objetivos secundários que são: Identificar os fatores que levam mulheres à permanecerem em relacionamentos abusivos; Identificar as consequências do relacionamento abusivo para mulher, e analisar as estratégias de enfrentamento das vítimas para lidar com a situação.

2. METODOLOGIA

Este artigo caracteriza uma revisão de literatura, de caráter descritivo, numa abordagem qualitativa. Sendo realizada, inicialmente com base em um conjunto de artigos reunidos das plataformas digitais Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Google Acadêmico, assim como de livros relacionados ao tema. Como critérios de inclusão foram utilizados os artigos com texto disponível na íntegra em português e espanhol publicados entre 2010 a 2020, no entanto foram utilizado alguns livros e artigos que antecedem o ano de 2010 devido a relevância com que englobam a temática do relacionamento amoroso abusivo. Foram utilizados descritores para a coleta de dados com ênfase em fatores subjetivos que são: Relacionamento abusivo; Machismo; Sofrimento psíquico; Psicologia.

3. RELACIONAMENTOS CONJUGAIS E A CULTURA DO MACHISMO

De acordo com Wagner (2009), torna-se muito importante compreender as motivações que estabelecem a construção da conjugalidade, uma vez que estas apontam para a compreensão que proporciona um entendimento para elaborar estratégias educacionais ampliadas para a vida dos cônjuges, a progressão da consciência em relação às escolhas e favorece o alcance de maior satisfação nas relações (WAGNER, 2009).

Segundo pesquisa feita por Wagner (2009), realizada com grupos focais, ao serem questionados acerca da satisfação conjugal, foi apontado que essa satisfação do casal se relacionava à satisfação das necessidades individuais do sujeito.

Ainda no mesmo estudo, quando discutido sobre mudança pelos indivíduos dos grupos focais, tais mudanças que seriam essenciais para obter mais satisfações na relação conjugal foi o surgimento da ideia de que os direitos e deveres do sujeito individual necessitariam estar mais estável e em equilíbrio no relacionamento de casal, em outras palavras, mais igualdade entre os sexos. Tal situação apresenta-se de forma mais nítida nas mulheres, enquanto se refere a uma distribuição imparcial e igualdade de direitos e responsabilidades entre os sexos tanto dentro como fora do ambiente domiciliar. Todavia, alguns homens são relutantes e se posicionam contrariamente a isso. A manutenção do modelo tradicional ainda se faz presente na concepção de alguns deles, pois acreditam ter maior satisfação no relacionamento conjugal ainda com esse modelo, tendo como base a complementação entre os sexos, de modo que ambos os sexos teriam papéis distintos, ou seja, a figura masculina estando no espaço público e a figura feminina no espaço privado (WAGNER, 2009).

Em linhas gerais, os relacionamentos amorosos são formados por pessoas que supostamente tenham certo nível de estabilidade. Dentro desse formato de relacionamento de casal considera-se pertencente os namoros, noivados e casamentos, como também relações informais como casamentos não-oficiais ou namoros sem compromisso denominado por “ficar”. (WACHELKE, 2004).

De acordo com Arriaga (2001), que traz como referencia a teoria da independência de Kelley e Thibaut, o nível de satisfação que um sujeito dispõe dentro de um relacionamento encontra-se conectada a uma espécie de avaliação singular individual das potencialidades que existe no relacionamento. Nesse sentido, o individuo pode se sentir satisfeito quando o seu contentamento na relação vai além de suas expectativas. Para Arringa (2001), quando o relacionamento está em um nível elevado de satisfação, aumenta-se a probabilidade de ser mais duradouro ao decorrer dos tempos, logo o prolongamento dessa relação está ligado, por sua vez ao grande envolvimento emocional dos cônjuges, como também a confiança, abertura para diálogos e independência. (WACHELKE, 2004).

Diante do que foi exposto até aqui, torna-se de grande relevância a discussão acerca da cultura do machismo. O machismo se caracteriza por um comportamento proferido através de opiniões e expressões de atitudes, advinda da não aceitação de igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, exaltando e valorizando assim apenas o sexo masculino sobre o feminino. (MAIA, 2017; ARCINIEGA et. al., 2008)

É evidente que atualmente a mulher ainda é submetida à violência em decorrência do machismo, que faz com que muitas vezes as vítimas não queiram fazer a denúncia por receio da impunidade masculina, ficando assim reféns. Segundo Valentim et al (2018) para que o Estado percebesse a violência contra as mulheres, com a intensidade e constância que tem, foi preciso que muitas mulheres fossem vítimas sofrendo e perdendo sua própria vida, posteriormente a esses fatos, foi crucial adotar medidas que protegessem as vítimas, sendo a criação da Lei Maria da Penha, um grande marco para este debate.

De acordo com Saffioti (2013) a concepção machista socializa o homem para ele ter poder de submissão sobre a mulher, à violência sofrida pela vítima sucederia da socialização machista e por esse viés, o homem sentiria hipoteticamente no ‘direito’ de agredir e machucar sua mulher. (MAIA, 2017)

Os fatores existentes que colaboram para a manutenção de um relacionamento abusivo são vários, entretanto nota-se um julgamento da sociedade em volta da vítima que sofre violência, diante da relação conjugal abusiva, usando frases diminutivas e descredibilizante como “tem mulher que gosta de apanhar”, “eles se merecem; ela aceita tudo vindo dele, até

traição”. Há uma importância muito grande em trazer e entender como funciona a dinâmica da violência doméstica, buscar compreender como se desenvolve a relação conjugal violenta, e em meio a isso, constatar os obstáculos que levam a vítima a se submeter e não conseguir se desprender desse ciclo, e sempre acreditar na possibilidade de mudança do outro (SILVA, 2019, p. 66).

Diante disso, é possível observar o quanto o machismo está instalado na própria cultura da sociedade, que ainda é um ciclo que se perdura, alimentando o machismo nas relações corriqueiras do cotidiano e nas relações amorosas. Entretanto, pode-se ressaltar que quando o machismo faz parte da mentalidade social de algum dos cônjuges, a presença predominante de comportamentos machistas de um ou ambos os envolvidos em uma relação amorosa pode acarretar um relacionamento abusivo (MAIA, 2017).

3.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Considera-se o relacionamento abusivo, quando uma das partes passa a possuir menos liberdade e espontaneidade, devido as “condições” e “ordens” impostas por o parceiro. O ciúme pode ser característico pelo medo da perda da pessoa amada, tendo como reagente a insegurança, desconfiança sem nenhum fundamento, comportamentos invasivos, explosivos e impulsivos, crises de ansiedade, podendo chegar ao ponto de agressões (ALBERTIM; MARTINS, 2018 apud D'AGOSTINI et al., 2021).

A forma que o homem e a mulher se apresentam na sociedade é também um fruto histórico que, apesar de mudanças conforme a cultura, o tempo e a localidade, ainda hoje se caracteriza por idealizações de gênero. Cabral et al. (1998) exemplificam que são presentes desde mesmo antes do nascimento, onde a cor do enxoval já traz um simbolismo de como a criança deverá se apresentar, para as meninas são direcionadas cores que representam leveza, assim almejando que meninas sejam sensível, passiva e frágil, já para os meninos o azul, almejando que seja fortes, dominadores, trabalhadores.

Os pontos acima citados acabam sendo reforçados pela sociedade, inclusive durante as fases de crescimento em especial na infância, onde “brinquedo de menina” seria aqueles que ensinam a mesma ser apenas do lar, uma boa mãe e cozinheira enquanto espera seu companheiro, quando a situação é bem contrária para os meninos, que são estimulados a serem independentes, os que tomam a decisão, com brinquedos de carros, de guerra, banco imobiliário, etc, o que torna mais possível uma independência afetiva no caso dos relacionamentos, quando também não a financeira (CABRAL et al., 1998).

De acordo com Foucault (1995), nas relações humanas existe sempre o poder sobre alguém e muitas das vezes fazendo ponte para violência, assim coagindo a submissão e a passividade do abusado. Mostra-se presente nas relações de poder sua instabilidade dinâmica.

São inúmeras as violências que as mulheres sofrem nas relações conjugais que correspondem possivelmente a um relacionamento abusivo, tratando-se de um fenômeno universal que vem ganhando mais visibilidade nas décadas atuais através de movimentos feministas e após a criação da Lei Maria da Penha. (ALBERTIM; MARTINS, 2018 apud RIBEIRO, 2020).

O contexto de um relacionamento abusivo se caracteriza quando o cônjuge muitas vezes quer ter controle sobre a vítima, através de suas atitudes de persuasão, o tratamento que tem com a vítima de sempre rebaixar sua autoestima, onde o homem refere-se à mulher de forma negativa, isso tudo caracteriza abuso psicológico (MILLER, 1999 apud SOUZA, 2019).

Macarini e Miranda (2018 apud RIBEIRO, 2020) apontam que o fenômeno do abuso dentro de um relacionamento, é identificado como um ciclo vicioso mantendo-se repetidamente por um grande período, acarretando a manutenção da relação abusiva, ocorrendo em quatro fases, são elas: a de tensão, da agressão, de desculpas e de reconciliação.

Na primeira, a fase de tensão, o abusador gera um contexto de insegurança, onde ele intimida a vítima através de olhares, sinais, atos, ações, a forma de falar, resultando na anulação de si por parte da vítima, fazendo com que ela agrade o homem com a intenção de desviar a tensão da situação frustrante.

A segunda fase, é denominada fase de agressão (ou explosão) e é nela em que acontece as agressões verbais, através discussões agressivas, alteração de voz, xingamentos, quebra de objetos, e muita das vezes progride para a violência física. As agressões físicas muitas vezes se intensificam no decorrer dos ciclos e pode resultar até em violências mais brutais como homicídio. Todavia, é importante a mulher ter coragem para denunciar, buscar apoio profissional e judicial.

A terceira fase se caracteriza pela fase da desculpa. Quando, posteriormente aos maus tratos, o homem tenta anular sua culpa, fala de arrependimento pelas agressões, faz promessas de mudança, assegura que não acontecerá mais, justifica seu comportamento advindo de fatores de estresse, problemas no âmbito do trabalho ou situações ligadas ao alcoolismo. Diante deste contexto, a mulher acaba cedendo a continuar nessa relação, por vários fatores, dentre eles, a dependência financeira e emocional, a vontade de “salvar” o relacionamento, a vergonha e medo de tornar pública a violência.

Chegando à fase quatro, que seria a fase caracterizada como de lua de mel, de reconciliação, onde o conjugue demonstra “mudança” no comportamento apresentando-se afetuoso, cuidadoso e carinhoso, elevando seu pedido de desculpas, fazendo a assim a vítima acreditar na real mudança do seu parceiro, deixando assim ela coma ar de esperança, que tudo que aconteceu é realmente passado.

Ao final da quarta fase, voltando com a vida corriqueira, surgem às tensões, os medos, e a violência acontecem novamente. Com o êxito das ocorrências cíclicas, começa é ser mais evidente as primeiras fases, que são as mais violentas e agressivas, enquanto as fases de desculpas e de lua de mel vão perdendo a frequência, nisso podendo levar o homem a chegar a casos extremos e perigosos, até mesmo ao homicídio (PEREIRA, 2018 apud RIBEIRO, 2020).

3.1.1 Os tipos de violência

De acordo com Silva (2019) ainda é possível perceber diversas formas de violência contra a mulher na sociedade. Dentre essas violências, as que se fazem mais presentes no relacionamento conjugal abusivo são as emocionais, físicas e sexuais. Estas por sua vez, caso levadas ao extremo, podem acarretar no que veio a ser classificado por feminicídio, que são os homicídios de mulheres por razões de gênero.

Violência emocional corresponde a abusos não físicos que frequentemente causam aterrorização na vítima. Ela engloba as agressões psicológicas, morais, verbal ou não verbal (SILVA, 2019). Straus (1979) traz que no contexto de um relacionamento abusivo onde acontece a violência emocional, a mulher frequentemente é menosprezada e silenciada pelo abusador.

A vítima que se encontra em um relacionamento abusivo, se sente com medo, intimidada, ansiosa. A dependência emocional que tem do parceiro faz com que ela vislumbre um amor que não corresponde à realidade, a identificação é mais difícil e demorada, se comparada aos abusos físicos, onde a vítima está em um estado que não consegue discernir a realidade das expectativas (SILVA, 2019).

Uma das características de uma vítima de relações abusivas é a ansiedade constante, a pessoa vive em um mar de insegurança criado pelo parceiro com táticas usadas pra desestabilizar a mulher e o seu psicológico. A vítima por estar constantemente ansiosa sente que aquele ambiente é incerto de segurança, assim obedecendo ao abusador, e é exatamente o ambiente que o abusador cria para que a vítima esteja submissa a ele. As ameaças são outra

forma de expandir essa ansiedade que muitas vezes são inverídicas apenas para desestabilizar. Essas ameaças além de serem dirigidas à vítima podem ser também aos filhos, familiares, amigos e até mesmo aos animais domésticos. A soma de todo esse abuso em um relacionamento leva a vítima a se questionar sobre sua sanidade mental, achando realmente que está “louca”, é comum mulher vítima desses abusos ter maior probabilidade a entrar em uma depressão e perder o sentido da vida (SILVA, 2019).

Denomina-se como violência física a utilização de força física com o intuito de machucar ou matar. Conseguem-se descrever em comportamentos como: esmurrar, pontapear, estrangular, queimar, induzir ou impedir que a vítima obtenha medicação ou tratamentos. Na concepção de Soares (1999) violência física se dá por bater, chutar, queimar, empurrar, sufocar e fazer o uso de armas ou facas (SILVA, 2019).

Dentro do contexto do relacionamento abusivo íntimo, a agressão física pode acontecer apenas uma vez, sendo assim, de forma esporádica ou corriqueira, todavia ela surge especialmente após uma sequência de abuso moral e psicológico. A agressão física costuma iniciar espaçadamente e ao longo do relacionamento vai aumentando gradativamente, além da repetição a intensidade fica mais elevada, colocando a vida da mulher em perigo. Vale lembrar que antes da agressão propriamente dita o abusador dá sinais de que a agressão vai acontecer, como arremessar objetos de forma violenta, ameaçar, golpear as paredes e chutar móveis. Inclui-se também na violência física jogar a mulher no chão, morder, empurrar, esfaquear e atear fogo (SILVA, 2019).

Ao falar sobre violência sexual, inicialmente já associa-se à palavra estupro. Quando se pensa em estupro, já imagina-se uma cena, onde a mulher é atacada por uma pessoa desconhecida, um sujeito que não faz parte do seu ciclo familiar e amigável do convívio da vítima e que ela repudiaria essa atitude. Ao estipular essa ideia sobre o que é o estupro, tanto a vítima quanto o abusador acredita ser complexo pensar na ideia de que no contexto de uma relação de casal é possível haver a violência sexual (SILVA, 2019).

A violência sexual denomina-se por qualquer ato sexual não consensual ou a tentativa do ato, avanço ou comentário sexual indesejado tal como quaisquer tipos de contatos e intenções de viés sexual sem o consentimento da mulher, que a deixem desconfortável com a situação, contra sua vontade. Quando há o não consentimento vindo da mulher vítima para o ato sexual isso se caracteriza violência sexual. De acordo com Abraham (1999) querer impor controle sobre os direitos reprodutivos de uma pessoa, também se identifica como violência sexual. Segundo a APAV, a violência sexual não se limita apenas a penetração forçada, são vários outros atos com teor sexual que se caracteriza como violência sexual. Inclui-se nesse

rol comentários ou piadas de cunho sexual que gerem incômodo ou desconforto, penetração por via oral, vaginal ou anal por pênis, partes, dedos ou algum artifício, ser obrigada a assistir ou a participar em filmagens, fotografias ou conteúdo pornográfico, sendo forçada a encostar nos órgãos sexuais de outro indivíduo etc. (SILVA, 2019).

Nesse sentido, pode se dizer que é provável que em uma relação de casal haja violência sexual, especificamente no contexto do relacionamento abusivo. Quando se há uma persistência em manter uma relação sexual mesmo que a mulher não quer, caracteriza uma transgressão. Costuma ser mais frequente ocorrer esse tipo de violência quando já existe a violência psicológica e física. Porém, quando a vítima estiver em um ambiente de medo, angústia e ansiedade, em um clima de pânico contínuo o contexto aponta para uma possível submissão da vítima, fazendo com que ela possa realizar todas as determinações sexuais do agressor, na intenção de evitar mais violência (WALKER, 1994 apud SILVA, 2019).

3.2 ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS FRENTE AOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

A decorrência de um relacionamento abusivo traz prejuízos biopsicossociais para a mulher. O conceito de biopsicossocial (mente e corpo) se dá através de uma perspectiva que decorre de fatores biológicos, psicológicos e socioculturais agindo em conjunto para delimitar a saúde e a doença, e a vulnerabilidade do sujeito à doença. (STRAUB, 2005).

Abusos psicológicos sofridos no ambiente conjugal podem provocar adoecimentos somáticos, apresentando esse adoecimento mental, físico, ou ambos, que habitualmente não são efeitos de violência visíveis, já que esse tipo de violência não deixa marca física (ESTRELA et al., 2018 apud RIBEIRO, 2020).

A violência contra a mulher é um problema de saúde pública. Visto que uma a cada três mulheres são violentadas, seja ela a violência física ou sexual acometida por um cônjuge ou uma pessoa íntima de sua “confiança” ao longo da vida, em média 33% de homicídios das mulheres os homicidas são os parceiros conjugais. Com o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19, veio também de forma intensificada, alguns dados alarmantes a respeito da violência doméstica e familiar contra a mulher. Com essa nova realidade algumas organizações da linha de frente do enfrentamento da violência doméstica, perceberam um aumento da violência doméstica decorrente da existência de estresse econômico e de temores sobre o coronavírus. (VIEIRA et al., 2020)

No Brasil, segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), entre os dias 1º e 25 de março, mês da mulher, houve crescimento de 18% no número de

denúncias registradas pelos serviços Disque 100 e Ligue 1808 . No país, o necessário isolamento social para o enfrentamento à pandemia escancara uma dura realidade: apesar de chefiarem 28,9 milhões⁶ de famílias, as mulheres brasileiras não estão seguras nem mesmo em suas casas. Dos 3.739 homicídios de mulheres em 2019 no Brasil, 1.314 (35%) foram categorizados como feminicídios. Isso equivale a dizer que, a cada sete horas, uma mulher é morta pelo fato de ser mulher. Ao analisar o aspecto vínculo com o autor, revela-se que 88,8% dos feminicídios foram praticados por companheiros ou ex-companheiros⁷ . Assim, é comum que as mulheres estejam expostas ao perigo enquanto são obrigadas a se recolherem ao ambiente doméstico. (VIEIRA *et al*, 2020, p.2)

A maioria dos quadros de trabalhadores da saúde e informais são compostos por mulheres, o que as deixam ainda mais expostas ao risco de infecção pelo vírus, perda de renda e emprego. Nisso, “as sobreviventes da violência podem enfrentar obstáculos adicionais” (ONU Mulheres, 2020 apud CAMPOS, 2020).

Nessa nova realidade de isolamento social, as mulheres em situações abusivas são supervisionadas e barradas de se comunicar com os familiares e amigos, acarretando assim uma maior importância do profissional da psicologia. Controlar as finanças do lar torna-se mais árduo com a figura masculina mais perto, em um ambiente que é mais habitual de domínio da mulher. O pensamento de perda de poder do homem, afeta diretamente a figura do “macho provedor”, assim causando um gatilho para possíveis atitudes violentas. (VIEIRA *et al*, 2020)

A desproporção de afazeres domésticos, que sobrecarrega exclusivamente a figura feminina, casada e que na maioria das vezes ainda tem filhos, confirma como o ambiente doméstico é um universo do exercício de poder do homem. Em muitas das vezes, a presença masculina que se faz presente no lar, não se diz respeito a cooperação ou divisão igualitária de tarefas para todos os membros da família, pelo o contrário, na maioria das vezes dobra o trabalho invisível e não remunerado da figura feminina. Ao longo do isolamento social, sendo ele home office ou sendo uma tarefa informal para gerar uma renda pra manter o lar, o trabalho doméstico não tem uma pausa pra folga. Longe disso, pois se torna maior conforme as pessoas ficam mais tempo no lar. (VIEIRA *et al*, 2020)

Importante colocar em pauta também a positividade tóxica que infelizmente é muito presente, onde há um negacionismo sobre os sentimentos e emoções desagradáveis que acabam resultando em doenças psíquicas e até físicas, bem como o laço familiar que também acaba sendo usado como empecilho a quem já está afetado, principalmente quando se tem um filho, e contudo acaba sendo uma forma de tentativa de manutenção do relacionamento, em acreditar que precisa ser mantido, além da dependência afetiva.

3.3 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Quando se trata da compreensão do funcionamento de um relacionamento abusivo, o trabalho da Psicologia se torna fundamental para acolher a fala da vítima e orientar a sociedade. Sendo a escuta psicológica um tratamento pela via da palavra, a escuta da experiência da mulher que fala é papel essencial, o que vai permitir que algo possa ser elaborado do que se diz, e assim outras saídas possam ser pensadas. Se faz necessário marcar esse registro, pois como enfatizam Santos et al (2017), há ainda dificuldades para as vítimas identificarem que estão em uma relação abusiva.

De fato, viver em uma relação com essas características produz uma série de efeitos, entre elas, um declínio na percepção do que seja esse tipo de violência. Isso também ocorre devido a lógica social de naturalização da relação abusiva que ainda reforça a reprodução de comportamentos violentos por parte do homem como se fossem prova de amor, e a justificação dessas atitudes por parte da mulher, como se estas fossem causadas ou motivadas por outras influências como: dificuldades no trabalho, bebida, estresse, entre outros (SANTOS et al., 2017).

Neste contexto, se torna normal que o homem seja violento e que a mulher o perdoe, ou se esforce para que ele mude, cabendo a ela o sacrifício para sustentar a relação. Da mesma forma, se normaliza o silêncio nessas relações, sendo a mulher a que fica calada, a tolerar abusos psicológicos e físicos cada vez mais intensos. O silêncio das mulheres nesse tipo de relacionamento é assunto complexo, pois não se restringe apenas à vontade da mulher pôr fim a relação. A culpabilização da vítima, de forte cunho social, contribui para uma cultura de silenciamento das mulheres (SILVA; COELHO; CAPONI, 2017).

Ademais, se faz imprescindível voltar a atenção ao olhar da vítima para compreender como funciona essa lógica de culpa.

Considerando o exposto, se discerne que as formas de enfrentamento a violência contra a mulher são basilares tanto para que se amplie a compreensão sobre o fenômeno, como também se efetivem medidas de educação e proteção. Contribuem com esse entendimento Silva, Coelho e Caponi (2007), quando apontam que reconhecer as formas do relacionamento abusivo e suas consequências para mulheres, mostra-se vital para uma mudança concreta na sociedade. Assim, se identifica que o nível de adoecimento emocional é particularmente acentuado em mulheres que estão nessas relações, apresentando sinais de depressão, ataques de pânico, transtornos alimentares ou tentativas de suicídio.

Também Oliveira et al (2014) registraram pesquisas com adolescentes que já estavam em experiências de relações abusivas, indicando que apesar do aumento na discussão do tema, se faz capital avançar ainda mais na educação sobre violência, masculinidades, gênero e feminismo. As pesquisas dos autores assinalaram que quem vive relações abusivas tende a repetir essas experiências em relações futuras.

Dado essa realidade, a Psicologia pode fazer uma atuação importante, tanto na construção de redes de apoio, como na contribuição desse debate na sociedade. Machado e Lourenço (2017) indicam que a rede de apoio funciona também como uma rede de proteção, a qual precisa contar com o máximo de instituições e pessoas possíveis. Por isso, dos profissionais de saúde, a igreja, famílias e amigos, todos são partes primordiais de uma rede de apoio e educação. Isso significa refletir uma sociedade que muda de dentro, no questionamento de sua cultura, ao mesmo tempo que robustece possibilidades de aprendizado coletivo.

Portanto, as mudanças necessárias nas formas como a sociedade aceita relacionamentos abusivos são atravessadas diretamente pela escuta da experiência das mulheres vítimas dessas relações, ao mesmo tempo que fornece uma rede concreta de apoio (MACHADO; LOURENÇO, 2017). Dessa forma, a rede passa da assistência de uma delegacia 24h, casas de apoio, abrigos, aluguéis sociais, emancipação financeira, até a formação escolar que contempla da educação infantil ao ensino médio, o que pode permitir uma sociedade com uma lógica de suporte às mulheres nessa situação.

Vale ressaltar que sendo a violência psicológica, o tipo de violência mais comum em relacionamentos abusivos, a necessidade de profissionais da psicologia que compreendam a complexidade desse sofrimento se torna cada vez mais substancial. Em suma, salienta Dartora (2020) que espaços de escuta que validam as experiências dessas mulheres é uma ação tangível de reconhecimento de suas singularidades. Sendo a região do Cariri, uma das que mais apresentam esse cenário de violência no Ceará, aprofundar esse tema durante a formação em psicologia viabiliza profissionais atentos e capacitados as necessidades de seu tempo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo aqui apresentado teve como objetivo principal discutir acerca dos impactos biopsicossociais na vida da mulher que vivenciou um relacionamento abusivo, alinhado com os objetivos secundários que são: Identificar os fatores que levam mulheres a permanecerem em relacionamentos abusivos; Identificar as consequências causadas no relacionamento

abusivo para mulher, e analisar as estratégias de enfrentamento das vítimas para lidar com a situação.

Diante da coleta de dados, observou-se que as mulheres que são vítimas de relacionamentos abusivos, vivenciam também, perda de autonomia, baixa autoestima causando prejuízos psíquicos que podem se agravar acarretando quadros ansiosos e depressivos. O estudo constatou ainda, a importância de uma rede de apoio para que a vítima consiga identificar a relação abusiva, realizar a denúncia de forma segura, bem como ter seus direitos assegurados ao longo de todo processo.

Os novos estudos acerca desta temática devem buscar a não naturalização do relacionamento abusivo, não alimentando a relação de poder sobre a mulher, fomentando discussões sobre os direitos das que vivenciam essa situação e enfatizando a necessidade de mais políticas públicas que assegurem e promovam o autocuidado.

REFERÊNCIAS

- BARRETTO, R. S. RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA DISCUSSÃO DOS ENTRAVES AO PONTO FINA. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31312/18401> Acesso em: 01 de setembro. 2021
- CABRAL, F; DÍAZ, M. Relações de gênero. **Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte/Fundação Odebrecht, organizadores. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Editora Rona**, p. 142-50, 1998.
- CAMPOS, B; TCHALEKIAN, B; PAIVA, V. Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de SARS-COV-2/COVID-19 em São Paulo. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Bqv5dn5fbL3LTrm3PGvJDzN/?format=pdf&lang=> Acesso em: 30 de Agosto. 2021
- D'AGOSTINI, M et al. Representações sociais sobre relacionamento abusivo. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 20701-20721, 2021. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=D%27AGOSTINI%2C+Marina+et+al.+Representa%C3%A7%C3%B5es+sociais+sobre+relacionamento+abusivo.+Brazilian+Journal+of+Development%2C+v.+7%2C+n.+2%2C+p.+20701-20721%2C+2021.&btnG= acesso em: 10, agosto de 2021.
- DARTORA, T. **As Percepções de Mulheres Universitárias acerca da Vivência de um Relacionamento Emocionalmente Abusivo**. Tese de Mestrado Programa de Pós Graduação em Psicologia e Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufcsa.edu.br/jspui/handle/123456789/1624>. Acesso em 09 de outubro de 2021
- DE OLIVEIRA, A. S.; OLIVEIRA, G. C.; CARDOSO, J. S. REFLEXOS DO MACHISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO EM TEMPOS DE COVID 19: quando o distanciamento social é tão letal quanto o vírus. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, v. 24, n. 49, p. 93-111, 2020. Disponível em: <http://revistaauditorium.jfrj.jus.br/index.php/revistasjrj/article/view/466/280> 10, agosto de 2021.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- MACHADO, A. S. M.; LOURENÇO, L. M. Violência entre parceiros íntimos: articuladores de enfrentamento e ajuda. **Revista Aletheia**, vol. 50, n. (1-2), p. 71-82, 2017.
- MAIA, L. R. A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos. **Psicologia-Tubarão**, 2017. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/3896/Laura%20tcc%20%20versao%20final%20pdf.pdf?sequence=2&isAllowed=y> Acesso em: 16 de junho, 2021.
- MILLER, M. S. **Feridas invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. São Paulo: Summus, p.

43, 1999.

OIIVEIRA, O. M. B. A. **A PANDEMIA DA COVID-19 VERSUS PANDEMIA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: A ESSENCIALIDADE DA FRATERNIDADE COMO APTIDÃO PARA MUDANÇAS**. 2020. Disponível em: <http://200-98-146-54.cloudouol.com.br/bitstream/123456789/2602/3/978-65-88213-03-2%20%20384-399.pdf> Acesso em: 01 de setembro, 2021.

OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; PIRES, T. O. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 19, n. (3), p. 707-718, 2014.

RIBEIRO, M. B. T. **Aspectos psicológicos e sociais do relacionamento abusivo: uma revisão integrativa de literatura**. 2020. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://repositorio.unifametro.edu.br/bitstream/123456789/447/1/MICHELE%20BRAIDE%20TONIATTI%20RIBEIRO%20TCC.pdf> acesso em: 16 de junho, 2021.

SANTOS, D. F.; CASTRO, D. S.; LIMA, E. F. A.; NETO, L. A.; MOURA, M. A. V.; LEITE, F. M. C. Percepção de mulheres acerca da violência vivenciada. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, vol. 9, n. 1, p. 193-199, 2017.

SILVA, G. J. **Flores no inferno: para a construção de uma narrativa cênica a partir de histórias de mulheres que vivenciaram um relacionamento abusivo**. 2019. Tese de Doutorado. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/66059/1/3_Dissertacao_PG34133_Graciel%20iSilva.pdf Acesso em: 23, maio de 2021.

SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, vol. 11, n. 21, p. 93-103, 2007.

SOUZA, A. S. RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS EM MULHERES QUE O VIVENCIAM. **ANAIS ELETRÔNICO CIC**, v. 17, n. 1, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/10/Downloads/492-1586-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/10/Downloads/492-1586-1-SM%20(1).pdf) acesso em: 23, Maio de 2021.

STRAUB, R. O. **Psicologia da saúde**. Porto Alegre: Artmed. 2005.

STRAUS, M. A. Measuring intrafamily conflict and violence: the conflict tactics (CT) scales. **Journal of Marriage and the Family**, *Menasha*, v. 41, p. 75-88, 1979.

TRINDADE, G. **Questões de gênero, violência letal contra mulheres e a lei do feminicídio**. 2020. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/6534/Gabriela%20Trindade.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20, maio de 2021.

VALENTIM, E. C. R. B.; PERUZZO, J. F. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: SILÊNCIO OU NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NAS RELAÇÕES CONJUGAIS. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 16, n. 1, 2018.

Disponível em <file:///C:/Users/10/Downloads/ekeys,+00541.pdf> acesso em: 19 de setembro 2021.

VIEIRA, P .R.; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/tqcyvQhqQyjtQM3hXRywsTn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 05 de outubro, 2021.

WACHELKE, J. F. R.; et al. Medida da satisfação em relacionamento de casal. **Psico-USF**, v. 9, p. 11-18, 2004.

WAGNER, A. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Artmed Editora, 2009.